



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

OS(AS) PROFESSORES(AS) E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTOS EMPOBRECIDOS: ALGUMAS REFLEXÕES

Cristiane Damiana dos Santos de Andrade¹

Ana Carolina Pontes Costa²

UFMS/CPAN

Mudanças na configuração das ações das políticas sociais foram adotadas pelo Estado brasileiro nas últimas décadas, cabendo especial destaque para as ações de enfrentamento da pobreza, sobretudo socioeconômica (privação material). Para tentar minimizar os problemas relacionados à vulnerabilidade e desigualdade social, houve, por parte dos governos, investimentos em políticas públicas de transferência de renda que impôs a condicionalidade da educação (frequência mínima exigida), evidenciando a premissa que a maior tempo de escolaridade poderia garantir maiores possibilidades de superação da pobreza e pobreza extrema.

No entanto, embora essas ações sejam significativas, os efeitos da pobreza continuam a se manifestar de maneira contundente nos espaços educacionais e, também, a produzir, além de novas desigualdades escolares, novas tensões de diversas ordens nas formas tradicionais de organização e funcionamento da escola.

Diante deste cenário, esta pesquisa, originária do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Pedagogia, teve como tema a pobreza e a desigualdade social dentro da escola e como objetivo principal, analisar, a partir da fala dos(as) professores(as) que atuam em escolas com alta concentração de alunos pobres e extremamente pobres, como suas concepções sobre a pobreza se manifestam em sua prática pedagógica. Ainda, como objetivos específicos, elencamos: 1. Identificar as escolas corumbaenses que possuem altas taxas de alunos beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF) e, conseqüentemente, alunos pobres e extremamente

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Pobreza, Educação e Desempenho Escolar (GPEDE).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

pobres; 2. Conhecer qual o conceito de pobreza dos professores que recebem altas taxas de alunos pobres em sua sala de aula e 3. Investigar se há interlocução entre os professores e a escola, para a elaboração de atividades conjuntas entre a escola e a comunidade, que favoreça o reconhecimento e ações para as populações em contextos empobrecidos.

A partir do documentário de Miguel G. Arroyo (2012), denominado “Reconhecer a existência da pobreza,” no qual o autor reflete sobre a existência de educadores(as) que saem dos cursos de formação inicial para a escola e, ao entrarem nas salas de aulas, se deparam com uma realidade muito diferente da sua, e não observam que muitas vezes seus planejamentos não consideram as crianças e adolescentes em contextos socioeconômico empobrecidos, é que debruçamos o nosso olhar para esta relação entre educação e pobreza e a forma como ela se materializa na prática pedagógica dos professores(as).

As desigualdades existentes na sociedade e originárias do modo de produção capitalista se manifestam no interior das instituições escolares, embora haja uma crença disseminada de que elas atuam como instituições promotoras da igualdade e que, no seu interior, as marcas das desigualdades são deixadas “portão a fora”. Dubet (2004), no entanto, defende um papel protagonista da escola, no sentido de que ela poderia equilibrar as desigualdades existentes no seu interior, encontrando uma forma de compensá-las, distribuindo melhor as vantagens e benefícios que estão ao alcance de poucos, o acesso a bens culturais para todos. Ainda, o autor defende que a escola poderia sustentar essa ideia, sendo a porta voz daqueles que, por sua condição de desvantagem em relação à escola, não conseguem fazê-lo. Assim, ao discorrer sobre “A escola justa” o autor afirma que “O sistema justo, ou menos injusto, não é o que reduz as desigualdades entre os melhores e os mais fracos, mas o que garante aquisições e competências vistas como elementares para os alunos piores e menos favorecidos” (DUBET, 2004, p. 546 -547)

Esta pesquisa, ainda em andamento, é de natureza qualitativa. Os(as) professores(as) foram selecionados a partir do levantamento dos dados do



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Sistema Presença³, no qual foram utilizados os dados dos anos de 2017 e 2018, para indicar, inicialmente, as escolas com maior número de estudantes beneficiários do Programa Bolsa Família e, conseqüentemente, maior quantidade de alunos nas faixas de renda que o caracterizam como pobres e extremamente pobres. Em seguida, por uma opção metodológica, escolhemos os(as) professores(as) regentes dos 5ºs anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para participarem de uma entrevista semiestruturada. Das três escolas selecionadas, 8 professores(as) dos 5ºs anos se comprometeram em participar da pesquisa.

Os dados preliminares apontam para uma definição de pobreza, por parte dos sujeitos, vinculada principalmente a privação econômica. Na totalidade das respostas coletadas até o momento (4 professores(as)), todos identificam o perfil socioeconômico dos alunos e famílias que frequentam a instituição escolar como pobres e extremamente pobres. Sinalizam ainda que o reconhecimento deste contexto empobrecido acaba limitando o trabalho pedagógico, no sentido de não permitir atividades “diferenciadas” e que exijam, por exemplo, a compra de canetinhas, lápis de cor, tinta guache, cartolina, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica; professores(as); contextos empobrecidos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício R. da (Org.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 23-54.

DUBET, F. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

³Sistema de acompanhamento e monitoramento da frequência escolar de estudantes beneficiários(as) do Programa Bolsa Família (PBF).